

**18º CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA
BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL • 26 A 29 DE JULHO DE 2017**

GT 34 - Relações Raciais e Étnicas: Desigualdades e Políticas Públicas

“Estereótipos e estereotipia no Brasil: raça/cor e origem geográfica”

Autores: Pedro Alfradique Scotti (Instituto Colibri) e Verônica Toste Daflon (PPGSA-IFCS / UFRJ)

Resumo: O padrão brasileiro de classificação racial é descrito frequentemente como um sistema tripartite, composto por pretos, pardos e brancos. Tal sistema resulta da história de escravidão, da administração colonial de negros e indígenas e das práticas de discriminação social, econômica e política no pós-abolição. Ao mesmo tempo, desigualdades de desenvolvimento econômico e a presença massiva de afro e índio-descendentes nas regiões Norte e Nordeste acrescentaram outro eixo de estratificação ao país, baseado em um repertório complexo de traços fenotípicos e códigos culturais que sinalizam uma origem geográfica específica. Tais grupos possuem traços particulares que colocam desafios a pesquisadores que trabalham com raça e estratificação racial no Brasil. Esse artigo analisa como tais percepções de fenótipo e origem geográfica se relacionam com estereótipos. Com dados da "Pesquisa Social Brasileira", com 2.364 respondentes em todas as cinco regiões do país, focamos uma sessão em que se pediu que eles classificassem em grupos de cor e origem fotografias de oito homens diferentes com mesma roupa, fotografados contra o mesmo fundo e com a mesma expressão facial neutra. Os respondentes foram inquiridos em seguida sobre percepções de suas ocupações, oportunidades e atributos mentais e comportamentais. O trabalho recorre a correlações, razões de chance e análise de correspondência múltipla para explorar como percepções racializadas de fenótipo correspondem a estereótipos raciais no Brasil.

*** Versão preliminar do trabalho. Favor não citar sem a autorização dos autores. ***

INTRODUÇÃO

O padrão brasileiro de classificação racial é descrito frequentemente, de modo simplificado, como um sistema tripartite, composto por pretos, pardos e brancos. Tal sistema resulta da história de escravidão, da administração colonial de negros e indígenas e das práticas de discriminação social, econômica e política no pós-abolição, que nos legou padrões racializados de classificação de populações baseados na cor, cabelo e traços fisionômicos como critérios principais (Guimarães, 2003; Sansone, 2004). Embora seja predominante em toda a extensão do território brasileiro, essa forma de classificação convive e muitas vezes se confunde com um padrão geográfico ou regional de classificação, que divide populações a partir da sua origem geográfica e de lugar. Esse eixo de classificação marca, especialmente, os “nordestinos”, uma identidade regional construída ao longo do século XX e que guarda uma história intrincada de declínio econômico, regionalismo das elites, fluxos migratórios e a produção de uma miríade de estereótipos em torno das imagens da seca, do coronelismo, do cangaço e do messianismo (Albuquerque Junior, 2007)¹.

A relação entre a questão racial e as clivagens regionais no Brasil é um tema clássico da sociologia das relações raciais no Brasil. Diversos pesquisadores se ocuparam de discutir se e de que maneira os padrões de relações raciais variavam conforme as diferentes regiões e composições demográficas do país e conduziram pesquisas sobre raça e racismo com recorte regional. No entanto, são escassos os estudos que tenham se ocupado propriamente das formas de interação e entrelaçamento dos padrões de classificação racial e regional no Brasil, relacionando os fenômenos da racialização, preconceito de origem geográfica e migração (Resende, 2016). O presente artigo procura contribuir para sanar essa lacuna ao explorar as conexões e entrelaçamentos entre as percepções de cor e origem geográfica no Brasil e sua relação com estereótipos. Para tal, utilizam-se dados da “Pesquisa Social Brasileira” (PESB), um *survey* de representatividade nacional que contou com um módulo de perguntas sobre percepções de cor, origem e estereótipos.

A tratar conjuntamente de raça/cor e origem geográfica, o trabalho se inscreve em um debate que tem apontado para o caráter “consubstancial” das relações sociais (Kergoat,

¹ Cabe ainda notar que a presença massiva de afro e índio-descendentes nas regiões Norte e Nordeste também colaborou para a construção desse eixo de estratificação ao país, que resulta, enfim, em um repertório complexo de traços fenotípicos e códigos culturais que sinalizam uma origem geográfica específica.

2010). Tal perspectiva alerta para a importância de se desnaturalizar categorias analíticas como raça e gênero como ocupantes de posições fixas para investigar de uma perspectiva empírica e situada como as relações sociais se constituem em torno de diferentes eixos de peso e geometria variável. Aplicado ao caso brasileiro, esse programa aponta para a necessidade de se investigar a coextensividade e co-produção entre as relações sociais de cor e origem geográfica, já sinalizada em trabalhos como os de Albuquerque Junior (2007), Sansone (2004). Para tal, o trabalho recorre a correlações, razões de chance e análise de correspondência múltipla para explorar como percepções racializadas de fenótipo e origem correspondem a estereótipos raciais no Brasil.

MATERIAIS E MÉTODOS

Os dados utilizados no texto compõem a “Pesquisa Social Brasileira” (PESB), um *survey* domiciliar, probabilístico e nacional realizado pelo DataUFF em 2002 com o objetivo de mapear valores, atitudes e opiniões da sociedade brasileira no tocante a temas como relações raciais, religião, cultura, sexualidade, política, desigualdade social etc (Datauff, 2017). A PESB entrevistou 2.364 pessoas da população brasileira adulta (acima de 18 anos) em cinco regiões do país (Almeida, Schroeder et al, 2002). Cabe notar que a pesquisa já conta 15 anos desde a sua realização e, portanto, que as conclusões e observações desse artigo são aplicáveis a um momento que antecedeu uma série de mudanças estruturais na sociedade brasileira ocorridos no tocante às questões racial e também regional na última década. Não obstante, isso não deve nos dissuadir do exercício, visto que, mesmo com limitações, o trabalho tem a utilidade de capturar um determinado padrão de percepções raciais em um ponto do tempo.

Estamos particularmente interessados em um segmento de perguntas da PESB que instou os respondentes a classificar em grupos de cor e origem geográfica fotografias de oito homens diferentes, trajados com a mesma roupa, fotografados contra o mesmo fundo e instruídos a manter uma mesma expressão facial neutra. Depois de produzir as associações de cor, as pessoas questionadas pela PESB foram inquiridas sobre percepções de ocupações, oportunidades e atributos mentais e comportamentais dos homens das fotografias. Nesse momento da pesquisa, enquanto os entrevistados observavam estas

mesmas fotos, foram realizadas diferentes indagações que visavam captar as ideias associadas a cada tipo físico. São elas:

- a) *Gostaria que o(a) Sr(a) dissesse qual deles parece ter mais estudo?*
- b) *Qual desses parece ser o que dá mais jeitinho?*
- c) *Na sua opinião, qual dessas pessoas parece ser um advogado?*
- d) *E qual parece ser um professor de escola de segundo grau?*
- e) *E qual parece ser um motorista de táxi?*
- f) *Qual dessas pessoas parece ser um porteiro?*
- g) *E qual parece ser um lixeiro/ varredor de rua?*
- h) *Qual dessas pessoas parece ser um carregador?*
- i) *E um engraxate?*
- j) *Qual dessas pessoas parece ter menos chances, menos oportunidades na vida?*
- k) *Qual parece ser a mais preguiçosa?*
- l) *Qual deles parece ser um criminoso?*
- m) *E qual parece ser o mais pobre?*
- n) *E qual parece ser um malandro?*
- o) *Qual delas parece ser a pessoa mais honesta?*
- p) *Qual delas parece ter modos mais educados?*
- q) *E qual parece ser a mais inteligente?*

Como os próprios respondentes classificaram estes oito homens pela cor e pela aparência de ser ou não nordestino, é possível avaliar se há correlação entre as respostas a essas perguntas e as formas de classificação que desejamos explorar. Os dados desse segmento já foram analisados por Alberto Carlos Almeida (2007), mas empregando metodologia distinta. Em seu livro “A cabeça do brasileiro”, Almeida primeiro verificou as associações de cor e origem feitas com relação a cada uma das fotografias e depois investigou quais foram os estereótipos atribuídos a elas. O método aqui utilizado consiste não em aferir as associações feitas a cada uma das fotografias, tal como já realizado no trabalho de Almeida (2007), mas em verificar como cada respondente atrelou esses atributos a alguém identificado por ele próprio como preto, pardo, branco e nordestino, visto que as classificações variam sensivelmente por entrevistado. Assim, independentemente de qual foi a classificação dos demais respondentes, relacionamos as características ou condições associadas ao indivíduo na foto com a classificação de cor e de origem regional (se nordestino ou não) feita pelo próprio respondente.

Outro cuidado tomado por nós foi a adoção de uma análise probabilística de chances. Isso porque para investigar se há diferenças nas chances de associação entre os homens fotografados a cada ocupação ou atributo em razão das características físicas observadas (*i.e.*, quanto à cor ou aparência de ser ou não nordestino), é necessário avaliar o quanto o número de associações observadas difere do número de associações esperadas na hipótese de escolha aleatória, ou seja, em que cada foto possui a mesma chance de ser escolhida. Desta forma, procedemos com o cálculo de duas “chances”, uma estimada pelos valores esperados para a hipótese nula (de não associação) e outra a partir dos valores observados (que permitem testar nossa hipótese de pesquisa, que é a de que as características físicas observadas afetam as chances de resposta de associação). Utilizamos o termo *chance* como tradução do conceito de *odds*, que é probabilidade de ocorrência de um evento sobre a probabilidade de não ocorrência.

A comparação com a hipótese de distribuição aleatória é necessária por uma simples razão: se mais homens forem identificados com uma determinada cor, como no caso de 6 dos 8 homens serem classificados como brancos, é esperado que mais homens com tal característica (ou seja, brancos no exemplo considerado) sejam associados ao atributo em questão, mesmo que a diferença de cor não seja levada em consideração para a resposta. E assim, só é possível inferir que uma determinada cor é determinante para a chance de associar a um determinado atributo quando ocorre com uma frequência acima da esperada para a situação de hipótese nula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As percepções de cor e origem

Investigar as formas como as pessoas percebem e atribuem características como raça/cor e origem no lugar de toma-las como atributos fixos é uma exigência básica da pesquisa acadêmica sobre relações raciais (Zuberi, 2001). Por esse motivo, começamos nosso exercício verificando como os respondentes da PESB operam categorias de classificação geográfica e racial. No quadro abaixo, apresentamos as fotografias que foram classificadas pelos respondentes e serviram para nortear suas associações. Em posse de uma cartela com essas fotografias, os aplicadores do *survey* solicitaram que os respondentes classificassem cada um dos homens retratados entre as categorias “preto”,

“pardo” e “branco”. Depois, eles foram ainda indagados se cada um deles parecia ou não ser um nordestino. Os resultados gerais seguem na tabela abaixo:

Imagem 1 – Fotografias



Fonte: Consórcio de Informações Sociais (CIS)

Tabela 1 – Heteroclassificação estimulada de cor (preto, pardo, branco) e origem (aparenta ser nordestino? Sim ou não) das fotografias

	Preto	Pardo	Branco
Foto 1	0,2%	3,8%	96,0%
Foto 2	7,7%	88,1%	3,7%
Foto 3	8,7%	86,1%	4,7%
Foto 4	96,1%	2,6%	1,0%
Foto 5	95,8%	3,1%	0,8%
Foto 6	1,9%	72,4%	25,0%
Foto 7	1,0%	13,1%	85,7%
Foto 8	0,8%	11,4%	87,4%

	Apresenta ser Nordestino
Foto 1	10,0%
Foto 2	52,6%
Foto 3	33,5%
Foto 4	17,5%
Foto 5	19,1%

Foto 6	21,1%
Foto 7	60,6%
Foto 8	11,1%

Fonte: PESB. Tabulação própria. Percentual válido.

É tema relativamente bem explorado na literatura sobre relações raciais a variação regional do emprego de categorias de cor, isto é, uma variação dos significados dos termos utilizados pelas pessoas que pode apontar para diferentes percepções de cor/raça conforme a região (Petrucceli, 2007). Na análise das respostas acima conforme região, no entanto, não encontramos variações significativas entre os respondentes do Nordeste do e Sul-Sudeste no tocante à atribuição de cor, exceto por uma leve tendência entre os sulistas-sudestinos em “embranquecer” alguns dos fotografados². O que é mais interessante observar, no entanto, são as variações regionais no tocante à categoria “nordestino”. Como podemos verificar na tabela abaixo, houve entre os respondentes do Sul-Sudeste e Nordeste uma divergência sistemática na classificação das fotografias com relação a esse quesito:

Tabela 2 – Heteroclassificação estimulada de origem (aparenta ser nordestino) das fotografias por região do respondente

	Nordeste	Sul e Sudeste
Fotografia 1	22,3%	4,6%
Fotografia 2	43,2%	54,2%
Fotografia 3	43,5%	29,7%
Fotografia 4	32,4%	11,1%
Fotografia 5	31,6%	14,3%
Fotografia 6	29,8%	17,3%
Fotografia 7	54,6%	62,2%
Fotografia 8	22,0%	6,4%

Fonte: PESB. Tabulação própria. Percentual válido

² Foi esse o caso do homem da fotografia de nº 1, apontado como branco por 93% dos respondentes do Nordeste e por 97,4% daqueles do Sul e Sudeste. Isso aconteceu ainda mais acentuadamente no caso da fotografia de nº 6, cujo fotografado foi identificado como de cor parda por 80,1% e como de cor branca por 17,8% dos respondentes do Norte-Nordeste e como de cor parda por 67,7% e branca por 29,2% dos respondentes do Sul-Sudeste. Esse padrão de “embranquecimento” se repetiu na classificação das fotografias de nº 7 (que representou um homem branco para 80,7% dos respondentes do Nordeste e para 89,1% do Sul-Sudeste) e de nº 8 (que representou um homem branco para 83,3% dos respondentes do Nordeste e para 89,8% do Sul-Sudeste).

Se tomarmos o padrão global de respostas, verificamos que os respondentes do Norte-Nordeste tenderam a enxergar origem “nordestina” com mais frequência do que os respondentes do Sul-Sudeste em praticamente todos os fotografados. Isso pode ser evidência de uma relação mais elástica com a categoria, que para eles pode incluir uma grande diversidade de fenótipos, além de uma certa dificuldade em atribuir sentido particular a uma classificação que provavelmente para muitos deles é exógena, não nativa e pouco ativada nas suas relações sociais cotidianas. De fato, sem a experiência da imigração e da exposição ao olhar classificador do nativo do Sul-Sudeste, aquele que se convencionou chamar de “nordestino” tende a operar outras formas de classificação no seu cotidiano:

No Nordeste são cearenses, pernambucanos, paraibanos ou são sertanejos, brejeiros ou citadinos; é no Sul que se aproximam, se descobrem iguais, muito porque são assim vistos pelo olhar do outro, que também se vê unificado através da denominação de sulista. (Albuquerque Júnior, 2007: 120)

Isso não chega a surpreender. Pesquisas internacionais têm demonstrado que em uma mesma sociedade podem coexistir múltiplos esquemas de classificação racial. Um caso exemplar é do conjunto de pessoas que vieram a ser chamadas de “latinas” nos Estados Unidos: culturalmente diverso, composto por pessoas de diferentes nacionalidades e que possuem elas próprias suas diferenciações internas por cor, pode-se dizer que o grupo dos “latinos” guarda algumas semelhanças com os “nordestinos” brasileiros. Quando em seus países de origem, os “latinos” tendem de modo geral a se classificar em esquemas raciais de *continuum* de cor (do “negro” ao “branco”). Quando em solo Norte-Americano, eles oscilam entre 1. seus esquemas nativos de cor, 2. a ativação das suas nacionalidades de origem como forma de identificação cultural e 3. uma identidade “latina” que se sobrepõe, mas não apaga as demais. Em suma: os “latinos” oscilam entre pelo menos três esquemas de classificação distintos (Roth, 2012). Algo semelhante pode acontecer com os ditos “nordestinos”, que, no caso de migrarem, transitam entre diferentes esquemas classificatórios conforme se deslocam pelo território.

Atribuição de estereótipos³

³ Boa parte desses dados foi produzida para a tese de doutorado “A desigualdade pelos desiguais: sociologia das percepções da estrutura social brasileira”, de Pedro Alfradique Scotti.

Antes de iniciar a análise dos estereótipos propriamente dita, um ponto que merece atenção é a quantidade de não-respostas a estas questões. Os registros disponíveis para os entrevistadores em caso de não-associação entre atributo/caracterização e o homem fotografado são: (1) *nenhum deles*; (2) *não é possível responder olhando as fotos*; (3) *não sabe*; e (4) *não respondeu*. Ainda que cada atitude possua um significado distinto, preferimos agregá-las, focando apenas na diferença fundamental de aceitar ou não o exercício proposto. Assim, as proporções de não-respostas diferem conforme a questão, o que pode ser visto na seguinte tabela:

TABELA 3 – Proporção de respostas e não-respostas às questões que associavam atributos físicos (em fotos) a demais atributos, ocupações ou comportamentos típicos

Questão	respondeu	não-respondeu
Quem parece ser um criminoso	69%	31%
Quem parece ser malandro	75%	25%
Quem parece ser engraxate	77%	23%
Quem parece ser lixeiro/varredor de rua	79%	21%
Quem parece ser o mais honesto	81%	19%
Quem parece ser a pessoa mais preguiçosa	81%	19%
Quem parece ter menos oportunidades	82%	18%
Quem parece ser o mais pobre	83%	17%
Quem parece ser mais inteligente	83%	17%
Quem parece ter mais estudo	84%	16%
Quem parece ser carregador	84%	16%
Quem parece dar mais jeitinho	85%	15%
Quem parece ter modos mais educados	85%	15%
Quem parece ser advogado	87%	13%
Quem parece ser porteiro	88%	12%
Quem parece ser motorista de táxi	88%	12%
Quem parece ser um professor de 2º grau	89%	11%

FONTE: PESB 2002

As proporções de *não-respostas* mostram que há maior resistência em associar o tipo físico representado na foto a características ou condições que sejam depreciativas. Em parte, esta resistência pode advir de um constrangimento ético, orientado pelo princípio de que não se deve julgar ou discriminar ninguém pela aparência. A menor proporção de respostas foi para associar uma foto a um criminoso, mas, ainda assim, 69% dos entrevistados aceitaram o exercício proposto. Já as caracterizações de maior proporção de respostas foram referidas a ocupações que não representam nem os mais baixos nem os mais altos estratos sociais, com proporções de respostas próximas a 90%.

TABELA 4 – Proporções de respostas e não-respostas às questões sobre quem parece ser um criminoso e professor de 2º grau, por região, sexo, escolaridade e renda

	Quem parece ser um criminoso		Quem parece ser um professor de 2º grau	
	Respondeu	Não respondeu	Respondeu	Não respondeu
Norte	72%	28%	91%	9%
Centro-Oeste	79%	21%	96%	4%
Nordeste	73%	27%	91%	9%
Sudeste	64%	36%	87%	13%
Sul	68%	32%	87%	13%
Masculino	74%	26%	90%	10%
Feminino	64%	36%	88%	12%
Analfabeto	53%	47%	80%	20%
Até 4a. série	68%	32%	88%	12%
De 5a. a 8a. série	75%	25%	93%	7%
2o. grau	74%	26%	91%	9%
Superior ou mais	57%	43%	84%	16%
Até R\$ 200,00	68%	32%	89%	11%
De R\$ 201,00 a 600,00	71%	29%	91%	9%
De R\$ 601,00 a 1000,00	71%	29%	91%	9%
De R\$ 1001,00 a 2000,00	67%	33%	88%	12%
De R\$ 2001,00 a 4000,00	71%	29%	87%	13%
Mais de R\$ 4001,00	73%	27%	90%	10%

FONTE: PESB 2002

Entre as regiões, foi no Centro-Oeste que os entrevistados demonstraram menor resistência em fazer a associação solicitada na pesquisa, tanto para relacionar a um criminoso como a um professor de 2º grau. Já as regiões Sudeste e Sul tiveram as maiores proporções de não-respostas. Quanto às diferenças entre os sexos, as mulheres mostraram maior resistência em fazer a associação com as fotos, com uma diferença bem expressiva em relação aos homens na questão sobre quem parece criminoso. Nas faixas de escolaridade, as maiores resistências foram entre os classificados como “analfabetos” e os com curso superior. Esta disposição dos dados sugere que fatores distintos associados à escolaridade podem influenciar o comportamento de não-resposta. Em relação às faixas de renda, não há, aparentemente, tendência alguma.

Ocupações

Entre as perguntas a respeito dos homens representados nas fotos, sete se referem a uma determinada ocupação. São elas:

Gostaria que o(a) Sr(a) dissesse qual deles parece:

1. *ser um advogado?*
2. *ser um professor de escola de segundo grau?*
3. *ser um motorista de táxi?*
4. *ser um porteiro?*
5. *ser um lixeiro/ varredor de rua?*
6. *ser um carregador?*
7. *ser um engraxate?*

Como o interesse da pesquisa é mensurar o quanto essas categorias estão associadas a uma ocupação, então o indivíduo escolhido para uma ocupação só interessa na medida em que representa um tipo físico. Uma forma possível de medir esta associação é relacionar, caso a caso, as identificações por cor e por origem regional às classificações por ocupação.

TABELA 5 – Variações de chances de associação entre ocupação e grupo identificado (por interação de cor e origem regional) (em %)

Ocupação	Preto Não-Nord.	Preto Nordeste	Pardo Não-Nord.	Pardo Nordeste	Branco Não-Nord.	Branco Nordeste
advogado	-60% **	-70% **	-3%	-50% **	+182% **	-19% *
professor	-47% **	-40% **	-12% *	-14% *	+74% **	+23% **
motorista de taxi	-56% **	-7%	+21% **	+141% **	-41% **	+57% **
porteiro	+10%	+45% **	+20% **	+59% **	-63% **	+37% **
lixeiro	+62% **	+122% **	-1%	+61% **	-74% **	-2%
carregador	+41% **	+43% **	+35% **	+41% **	-58% **	-35% **
engraxate	+141% **	+89% **	-15% **	-3%	-73% **	+7%

* Significativo ao nível de 0,05

** Significativo ao nível de 0,01

Fonte: PESB 2002 (ALMEIDA, SCHROEDER, CHEIBUB, 2004) [Tabulação especial]

Como se pode observar na tabela, as ocupações atribuídas aos homens retratados no cartão revelam expressiva associação com a identificação por cor e aparência de ser ou não nordestino. A categoria branco não-nordestino foi a única estatisticamente significativa em todas as ocupações, com variações bem expressivas, e se mostra, de modo geral, como um polo em que as demais se opõem. No caso da profissão advogado, foi a única categoria com correlação positiva (i.e., uma frequência de associação acima da esperada para escolhas aleatórias), cuja identificação implicou em um aumento de 182% na chance de ser escolhido. Em polo oposto, a identificação de preto (não-nordestino e nordestino) e pardo nordestino diminui a chance em pelo menos a metade.

A outra ocupação que teve maior correlação a branco não-nordestino foi a de professor de escola de segundo grau, com aumento de 74% da chance; se opondo aos identificados como pretos, com chances reduzidas a quase a metade. Os brancos nordestinos também tiveram associação positiva com a ocupação, mas menos expressiva: 23% maior. Nas ocupações motorista de taxi, porteiro e lixeiro, a aparência de nordestino aumentou as chances de associação em comparação aos que aparentam ser não-nordestino, e isto para os três grupos de cor. Desta forma, entre os brancos, apenas os identificados como nordestinos foram associados a motorista de taxi e porteiro. Lixeiro e engraxate foram ocupações mais associadas aos pretos; e carregador mais aos pretos e pardos.

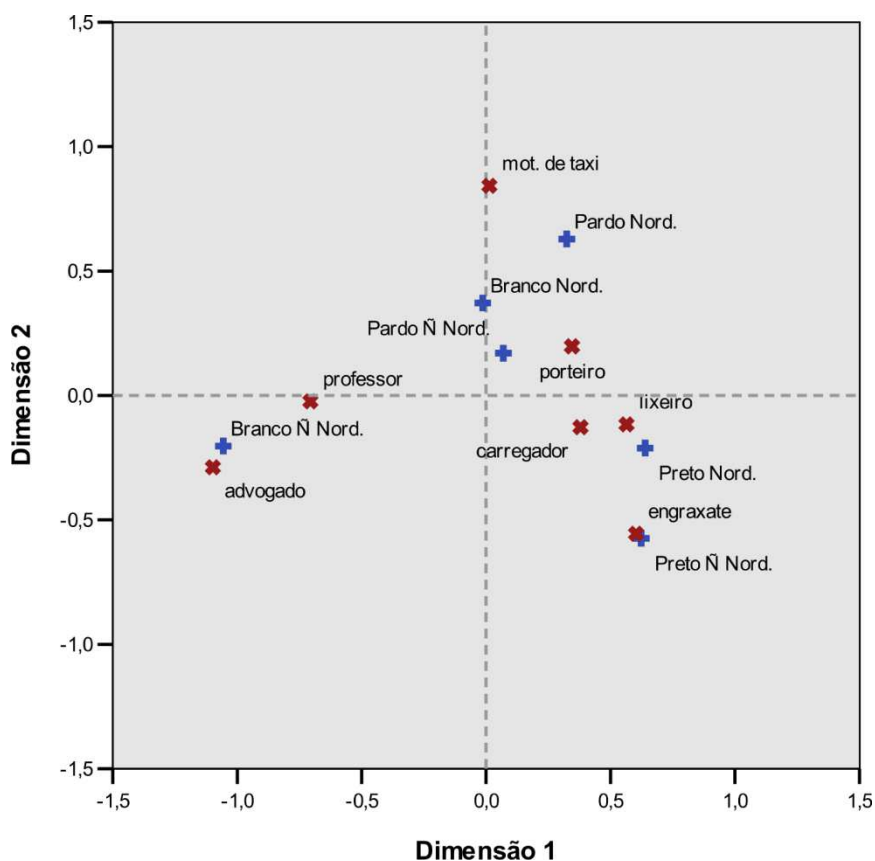
Em resumo, os resultados das variações das chances mostram as seguintes associações:

- *advogado – ‘brancos não-nordestinos’*
- *professor – ‘brancos’*
- *motorista de taxi e porteiro – ‘pardos’ e ‘nordestinos’*
- *carregador – ‘pretos’ e ‘pardos’*
- *lixeiro – ‘pretos’ e ‘pardos nordestinos’*
- *engraxate – ‘pretos’*

Na medida em que a ocupação indica – de maneira bem significativa – a posição socioeconômica do indivíduo, a associação com as características de cor e de possível origem nordestina revela percepções que descrevem desigualdade entre os grupos. Assim como a profissão de advogado é indicativa de uma posição de condição socioeconômica elevada, as profissões manuais (lixeiro, carregador e engraxate) são características de condições sociais mais restritivas. Fica evidenciado, portanto, que as categorias de cor e de origem regional são determinantes nas percepções sobre a posição socioeconômica.

Outro modo de apresentar os padrões de associação entre cor, aparência de origem nordestina e ocupação é por meio de uma análise de correspondência. Por esta técnica, as categorias ficam representadas graficamente em duas dimensões, e as correlações podem ser identificadas pelo quanto se aproximam ou se afastam no gráfico.

GRÁFICO 1 – Análise de correspondência múltipla entre classificações das fotos por cor e por aparência de nordestino e ocupações associadas nas respostas



As distribuições das categorias pelo gráfico mostram com mais clareza que os identificados como brancos não-nordestinos ocupam, pelo conjunto das percepções, um polo em oposição às demais categorias. Seguindo o eixo ao longo da dimensão 1, as posições das categorias variam das de mais alto para as de mais baixo status socioeconômico (da esquerda à direita), de modo que são os pretos que mais são identificados em condições opostas às dos brancos não-nordestinos em nestes termos (i.e., socioeconômicos). Mas as identificações dos pardos e de aparência de origem nordestina apresentam padrões que estão além de uma simples posição intermediária na hierarquia socioeconômica, formando, assim, um terceiro polo. Neste, se sobressaem a identificação de aparência de pardo nordestino e a ocupação de motorista de taxi.

Outro ponto a ser investigado é sobre as diferenças das percepções entre os entrevistados conforme o pertencimento a cada um dos grupos retratados. Desta forma, é possível avaliar se o quadro descreve as representações ideais de todos ou de alguns dos grupos. Pode-se avaliar, por exemplo, se os não-brancos também se vêm nas ocupações de mais baixo status socioeconômico. Nos dados da PESB, selecionamos quatro ocupações para a comparação entre os respondentes conforme o grupo de cor, cujos resultados estão expressos na tabela a seguir:

TABELA 6 – Variações de chances (odds) de associação entre ocupação e identificação por cor, conforme cor do respondente (em %)

Ocupação	Cor do Respondente	COR IDENTIFICADA PELAS FOTOS		
		Preto	Pardo	Branco
advogado	Preto	-40% **	-21%	+81% **
	Pardo	-64% **	-27% **	+150% **
	Branco	-62% **	-35% **	+155% **
professor	Preto	-38% **	+4%	+39% *
	Pardo	-41% **	-9%	+59% **
	Branco	-56% **	-21% **	+107% **
porteiro	Preto	+26%	+27%	-40% **
	Pardo	+18% *	+47% **	-47% **
	Branco	+12%	+53% **	-43% **
lixeiro	Preto	+156% **	-9%	-64% **
	Pardo	+68% **	+15%	-52% **
	Branco	+73% **	+47% **	-65% **

* Significativo ao nível de 0,05

** Significativo ao nível de 0,01

Fonte: PESB 2002 (ALMEIDA, SCHROEDER, CHEIBUB, 2004) [Tabulação especial]

Os valores das variações das chances de associação relativos às quatro ocupações selecionadas mostram que há, de modo geral, tendências semelhantes, conforme a cor do respondente, sobre quais as aparências associadas a cada ocupação. Estas tendências, no entanto, variam em intensidade. Associar ser branco a ser advogado é, relativamente, mais frequente entre brancos e pardos do que entre pretos; professor de 2º grau é mais associado aos homens identificados como brancos por brancos que por pardos e pretos; porteiro é mais associado aos homens identificados como pardos por brancos e pardos que por pretos; e lixeiro é mais associado aos homens identificados como pretos por pretos que por pardos e brancos. Enfim, embora não demonstrem uma grande divergência nas percepções conforme a cor, os dados indicam que os brancos (enquanto um grupo) tendem a se ver representados nas ocupações de maior status mais que os outros grupos; e que os pretos se percebem em ocupações de baixo status mais que os outros grupos. Estas tendências são baseadas em poucas ocupações, merecendo, portanto, confirmações em outras pesquisas.

TABELA 7 – Variações de chances (odds) de associação entre ocupação e aparência de nordestino, conforme região de residência do respondente (em %)

Ocupação	Região do respondente	Parece Nordestino
advogado	Nordeste	-38% **
	Sul / Sudeste	-50% **
professor	Nordeste	+7%
	Sul / Sudeste	-18% **
motorista de taxi	Nordeste	+74% **
	Sul / Sudeste	+125% **
lixeiro	Nordeste	+34% **
	Sul / Sudeste	+75% **

* Significativo ao nível de 0,05

** Significativo ao nível de 0,01

Fonte: PESB 2002 (ALMEIDA, SCHROEDER, CHEIBUB, 2004) [Tabulação especial]

Na comparação entre as regiões Nordeste, de um lado, e Sul e Sudeste, de outro, a identificação de aparência de origem nordestina se mostra mais relevante na variação das chances para os sulistas (tratados aqui como residentes do Sul ou Sudeste) do que para os nordestinos. Advogado e professor são ocupações que os sulistas resistem mais em associar a nordestino do que os próprios nordestinos. Além disso, eles, os sulistas, identificam os nordestinos como motorista de taxi e lixeiro com frequência maior que os nordestinos. Um detalhe que torna a influência da percepção sobre a origem nordestina mais instigante é que a pergunta sobre quem parece ser nordestino ocorre após as perguntas sobre qual dos homens parece mais com cada atributo – ao contrário das identificações por cor, que ocorreram primeiro.

Condições sociais estruturantes

Outras questões apresentadas aos entrevistados captam as percepções sobre outras formas de desigualdade entre os grupos:

Gostaria que o(a) Sr(a) dissesse qual deles parece:

1. *ter mais estudo?*
2. *ter menos chances, menos oportunidades na vida?*
3. *ser o mais pobre?*

As respostas sobre as condições de vida associadas às características físicas fornecem evidências complementares às encontradas nas questões referentes às ocupações. A associação com a condição de possuir mais estudo também indica uma percepção descritiva da realidade social, mas por tratar-se de um fator estruturante de demais desigualdades, também pode servir ao imaginário explicativo das desigualdades.

TABELA 8 – Variação (em %) de chances (odds) de associação a condições sociais conforme grupo identificado (por interação entre cor e origem regional)

Condição social	Preto Não-Nord.	Preto Nordeste	Pardo Não-Nord.	Pardo Nordeste	Branco Não-Nord.	Branco Nordeste
mais estudo	-30% **	-54% **	-28% **	-68% **	+201% **	-37% **
menor oportunidade	+208% **	+191% **	-36% **	-9%	-70% **	-41% **
pobre	+73% **	+124% **	-5%	+66% **	-77% **	-8%

* Significativo ao nível de 0,05

** Significativo ao nível de 0,01

Fonte: PESB 2002 (ALMEIDA, SCHROEDER, CHEIBUB, 2004) [Tabulação especial]

Pela observação dos resultados, o único grupo com associação positiva com a condição de possuir mais estudo foi aquele identificado como branco não nordestino, sendo que tal identificação triplica a chance de ser escolhido. Como os brancos não-nordestinos também foram os mais associados às ocupações de maior rendimento, a percepção de possuem mais estudo pode ser indicativo de que esta condição seja reconhecida como um fator explicativo de desigualdades socioeconômicas entre os grupos raciais. Ainda que não seja possível fazer tal inferência apenas com bases nestas informações obtidas, a hipótese de que seja assim, ao menos resiste ao exame dos dados. O argumento “brancos não nordestinos ocupam melhores posições socioeconômicas porque estudaram mais do que os indivíduos com outras características de cor e origem regional” depende, evidentemente, da validade da sentença: “brancos não nordestinos estudaram mais do que os indivíduos com outras características de cor e origem regional”. Deste modo, as informações servem como uma evidência em favor da hipótese.

Além dessa, a questão sobre quem tem menos oportunidades também pode ser interpretada como uma percepção mais explicativa. Entretanto, ao invés de fornecer elementos para uma legitimação da ordem (ao estender-se para o campo dos valores), a identificação de pessoas com menos oportunidades tende mais a um questionamento da ordem, sobretudo se tivermos como referência o ideal da igualdade de oportunidades. Ao observarmos os padrões das respostas, notaremos que esta condição está associada aos indivíduos identificados como pretos, tanto nordestinos quanto não nordestinos. A identificação da cor preta praticamente triplica a chance de ser associado a uma condição que implica em menos oportunidade.

Embora os pardos também ocupem piores posições sociais, não há, conforme os dados, a percepção de que sofram com oportunidades menores. Os identificados como pardos não-

nordestinos chegaram a ter uma associação negativa, com uma redução da chance em 36% a partir de tal identificação. E em situação oposta ao dos pretos, os brancos não estão identificados como quem dispõe de menos oportunidades, sendo que a identificação de branco não-nordestino reduz a chance de associação em mais de dois terços.

A questão sobre quem parece ser o mais pobre mostrou que a percepção sobre quem ocupa piores posições sociais leva em consideração tanto a cor quanto a origem regional. Indivíduos pretos estão mais associados à pobreza que pardos, e estes mais que os brancos. Se compararmos nordestinos a não nordestinos em cada grupo de cor, observaremos que os nordestinos estão mais associados à pobreza. Com as características combinadas, mais uma vez o que mais destaca é em relação ao branco não nordestino. Ser identificado como tal reduz a chance de ser escolhido como mais pobre a menos de um quarto do que seria em escolhas aleatórias.

Na comparação entre entrevistados brancos, pardos e pretos, a associação entre condições sociais e cor mostrou as seguintes variações das chances de escolha:

TABELA 9 – Variação (em %) de chances (odds) de associação a condições sociais conforme identificação por cor, por cor do respondente

Condição social	Cor do Respondente	COR IDENTIFICADA PELAS FOTOS		
		Preto	Pardo	Branco
mais estudo	Preto	-20%	-45% **	+94% **
	Pardo	-29% **	-46% **	+123% **
	Branco	-47% **	-49% **	+165% **
menor oportunidade	Preto	+227% **	-47% **	-54% **
	Pardo	+272% **	-40% **	-66% **
	Branco	+207% **	-12%	-69% **
pobre	Preto	+145% **	-9%	-62% **
	Pardo	+101% **	+16%	-64% **
	Branco	+77% **	+36% **	-61% **

* Significativo ao nível de 0,05

** Significativo ao nível de 0,01

Fonte: PESB 2002 (ALMEIDA, SCHROEDER, CHEIBUB, 2004) [Tabulação especial]

Observamos, portanto, que nas associações para os três grupos de cor estão descritas percepções de que brancos possuem mais estudo e que pretos são pobres e com menos oportunidades. No entanto, os brancos percebem os de sua cor como quem parece ter mais estudo com maior frequência que os pardos e, sobretudo, os pretos. Mas são os pretos que percebem os de sua cor como pobres com maior proporção que os brancos, visto que estes tendem a associar tal condição não só aos pretos, mas também aos pardos.

Em relação às diferenças regionais, as percepções de nordestinos e sulistas podem ser interpretadas pela tabela seguinte:

TABELA 10 – Variação (em %) de chances (odds) de associação a condições sociais conforme identificação de aparência de nordestino, por região do respondente

Condição social	Origem do Respondente	Parece Nordestino
mais estudo	Nordeste	-40% **
	Sul / Sudeste	-72% **
menor oport.	Nordeste	+11%
	Sul / Sudeste	+13%
pobre	Nordeste	+44% **
	Sul / Sudeste	+77% **

* Significativo ao nível de 0,05

** Significativo ao nível de 0,01

Fonte: PESB 2002 (ALMEIDA, SCHROEDER, CHEIBUB, 2004) [Tabulação especial]

Na comparação entre os valores estimados por moradores do Nordeste e moradores do Sul ou Sudeste sobre a associação da condição social com a aparência de nordestino, todos associaram os nordestinos à condição de pobre e os não-nordestinos à condição de mais estudo – a associação com menor oportunidade não foi estatisticamente significativa. As variações nas chances, no entanto, foram mais expressivas no Sul / Sudeste, indicando que a categoria nordestino é mais relevante para a distinção social entre os sulistas.

Comportamento ético

Seguindo a mesma lógica das questões anteriores, foram feitas interrogações sobre comportamentos de relevância ética. Embora estas questões não captem diretamente desigualdades, elas apontam para possíveis estigmatizações dos grupos sociais retratados nas identificações das fotos. Ou seja, estas percepções podem servir de evidências de uma ideologia que, em alguma medida, justifica e legitima desigualdades entre brancos e negros. Entre as outras questões que abordavam comportamentos de posicionamento ético, estavam:

Gostaria que o(a) Sr(a) dissesse qual deles parece:

1. *ser o mais honesto?*
2. *ser um malandro?*
3. *ser um criminoso?*

As variações das chances em função das associações observadas estão descritas na tabela a seguir:

TABELA 10 – Variação (em %) de chances (odds) de associação a comportamentos éticos conforme grupo identificado (por interação entre cor e origem regional)

Comportamento ético	Preto Não-Nord.	Preto Nordeste	Pardo Não-Nord.	Pardo Nordeste	Branco Não-Nord.	Branco Nordeste
honesto	+28% **	-4%	-39% **	-41% **	+40% **	+14%
malandro	+6%	+30% *	+50% **	+3%	-25% **	-51% **
criminoso	-20% **	+8%	+103% **	+29% **	-52% **	-18% *

* Significativo ao nível de 0,05

** Significativo ao nível de 0,01

Fonte: PESB 2002 (ALMEIDA, SCHROEDER, CHEIBUB, 2004) [Tabulação especial]

Os resultados mostram que brancos, sobretudo os não nordestinos, estiveram mais associados a honesto; e que pardos foram os mais associados à figura do criminoso. Deste modo, as características físicas associadas aos indivíduos reconhecidos como ocupantes das melhores posições na hierarquia social – brancos não nordestinos – também estiveram associadas a maior honestidade. Este dado pode ser interpretado como indicativo de aceitação (que pode advir de uma naturalização) das desigualdades entre os grupos sociais, ainda que mereça melhor investigação a respeito. Uma situação de contestação da ordem tenderia a enxergar como ilegítimos os comportamentos dos que estão sobre-representados nas posições de maior poder.

Ademais, a associação dos pardos a comportamentos eticamente condenáveis não pode ser explicada apenas pelas posições de baixo status social. Os pretos também estão, por vezes a piores posições, mas não aparecem, nos dados desta pesquisa, com o mesmo nível de associação a desvios éticos. Desta forma, cabe problematizar esta sobreassociação entre pardos e comportamentos antiéticos. Já em relação às diferenças de percepção conforme a cor do respondente, as variações das chances estão apresentadas na tabela a seguir:

TABELA 11 – Variações de chances (odds) de associação entre comportamento ético e identificação por cor, conforme cor do respondente (em %)

Comportamento ético	Cor do Respondente	COR IDENTIFICADA PELAS FOTOS		
		Preto	Pardo	Branco
honesto	Preto	+78% **	-44% **	-6%
	Pardo	+16%	-39% **	+41% **
	Branco	+4%	-49% **	+67% **
criminoso	Preto	-19%	+84% **	-36% **
	Pardo	-7%	+68% **	-43% **
	Branco	-12%	+95% **	-47% **

* Significativo ao nível de 0,05

** Significativo ao nível de 0,01

Fonte: PESB 2002 (ALMEIDA, SCHROEDER, CHEIBUB, 2004) [Tabulação especial]

Em relação à identificação de comportamento ético, observamos que a cor do respondente é determinante para as associações que se faz à cor. Os pretos, de modo geral, divergem dos pardos e brancos quanto à aparência dos que são mais honestos. Enquanto pardos e brancos descrevem os mais honestos como brancos, os pretos identificam esta qualidade nos que exibem a sua própria cor. Já em relação a quem aparenta mais ser um criminoso, todos tendem a escolher os homens classificados como pardos. Desta forma, ao contrário dos pretos, os pardos parecem não constituir um imaginário positivo sobre indivíduos da sua cor. Apesar de todos os elogios à miscigenação (que tem em Gilberto Freyre um marco), não há indícios aqui de uma identidade positiva sobre ser pardo.

TABELA 12 – Variações de chances (odds) de associação entre comportamento ético e aparência de nordestino, conforme região de residência do respondente

Comportamento ético	Origem do Repondente	Parece Nordestino
honesto	Nordeste	+1%
	Sul / Sudeste	-31% **
criminoso	Nordeste	-16%
	Sul / Sudeste	+31% **

* Significativo ao nível de 0,05

** Significativo ao nível de 0,01

Fonte: PESB 2002 (ALMEIDA, SCHROEDER, CHEIBUB, 2004) [Tabulação especial]

Quanto às diferenças regionais, o que se observa, pela tabela acima, é que a identificação da aparência de ser nordestino não é relevante para avaliação de um comportamento ético específico entre os moradores do Nordeste – ser nordestino não alterou as chances de escolha dos homens fotografados de forma significativa. Mas, para os moradores do Sul ou Sudeste, é sim – pelos dados, aumenta em 31% a chance de identificar como criminoso e reduz em 31% a chance de identificar como honesto.

Atributos pessoais

Por fim, as demais questões sobre atributos associados às características físicas observadas dizem respeito a outros tipos de características pessoais. São elas:

Gostaria que o(a) Sr(a) dissesse qual deles parece:

1. *ser o mais preguiçoso?*
2. *ter modos mais educados?*
3. *ser o mais inteligente?*

De modo geral, as questões tratam de características que potencialmente servem para justificar as desigualdades sociais entre grupos. Quanto maior a associação entre o físico e a caracterização do indivíduo, maiores as chances de um imaginário sobre a determinação da constituição racial – isto é, maior a caracterização de fundamentos de uma ideologia racial.

TABELA 13 – Variação de chances (odds) de associação a atributos pessoais conforme grupo identificado (por interação entre cor e origem regional)

Atributo	Preto Não-Nord.	Preto Nordeste	Pardo Não-Nord.	Pardo Nordeste	Branco Não-Nord.	Branco Nordeste
preguiçoso	-65% **	-48% **	+5%	+6%	+89% **	-7%
educado	-3%	-35% **	-36% **	-65% **	+145% **	-33% **
inteligente	-1%	-39% **	-35% **	-71% **	+145% **	-27% **

* Significativo ao nível de 0,05

** Significativo ao nível de 0,01

Fonte: PESB 2002 (ALMEIDA, SCHROEDER, CHEIBUB, 2004) [Tabulação especial]

Pelas respostas, descritas na tabela acima, há nítida associação das três caracterizações aos brancos não-nordestinos. No caso da caracterização de preguiçoso, esta associação se opõe aos identificados como pretos (pois estes foram os menos apontados como tal); mas para os atributos educado e inteligente, as respostas demonstram oposição aos pardos e aos nordestinos (o que fez com que os pardos nordestinos fossem os menos caracterizados por tais atributos).

Entre as caracterizações associadas aos brancos não-nordestinos, a de preguiçoso é única de conotação negativa. Como eles também estão associados a ocupações que não demandam trabalho manual, este talvez seja o motivo da correlação verificada. Neste ponto, as respostas sobre quem parece ser mais inteligente reforçam esta hipótese, pois esta caracterização também esteve mais associada aos brancos não-nordestinos (ou seja, estes seriam reconhecidos como mais propensos ao trabalho intelectual).

A identificação dos aspectos físicos associados a ter modos mais educados acompanhou em grande medida as escolhas sobre quem parece ser mais inteligente, pois as variações nas chances foram muito próximas em todas as categorias consideradas. Esta correlação pode ser indício de que no imaginário social, inteligência e cultura são determinadas pelas características inatas – e assim, capacidades e comportamentos desiguais seriam resultados de desigualdades naturais.

A crença na diferença de capacidade cognitiva entre brancos e negros, a partir de discursos pretensamente científicos, serviu como argumento de justificação para o regime escravocrata. O que as evidências dos dados da PESB mostram é que esta ideia, mesmo desacompanhada de discursos oficiais ou científicos, ainda perdura no imaginário social brasileiro. A manutenção deste estereótipo em tempos recentes já foi descrita por outros autores que investigaram a questão racial no Brasil, como, por exemplo, Carlos Hasenbalg, que destacou o seguinte:

A representação das habilidades dos negros está muito fortemente associadas aos esportes, à capacidade física, ao boxe, ao futebol, ao basquete, ou mesmo a uma sensualidade exacerbada, à dança e à música, mas quase nunca às ciências. Pelé não é um rei da Matemática. Tudo isso é parte do repertório de estereótipos. (HASENBALG, 1992, p.154)

Ao analisar os padrões das respostas sobre quem parece ser mais inteligente conforme a cor do entrevistado, observa-se o seguinte:

TABELA 14 – Variação de chances (odds) de associação ao atributo “mais inteligente” conforme identificação por cor, por cor do respondente

Atributo	Cor do Respondente	COR IDENTIFICADA PELAS FOTOS		
		Preto	Pardo	Branco
inteligente	Preto	+1%	-47% **	+63% **
	Pardo	+4%	-52% **	+85% **
	Branco	-14%	-57% **	+112% **

* Significativo ao nível de 0,05

** Significativo ao nível de 0,01

Fonte: PESB 2002 (ALMEIDA, SCHROEDER, CHEIBUB, 2004) [Tabulação especial]

A avaliação de que brancos aparentam ser mais inteligentes é tendência entre brancos, pardos e pretos, ainda que estes em menor proporção que esses e aqueles. E ser identificado como pardo, por outro lado, diminui significativamente as chances de escolha independente da cor do respondente. Ou seja, em oposição ao branco, pelos

padrões das respostas, estão os pardos, e não os pretos. Outro ponto relevante na diferenciação dos padrões de associação conforme a cor do respondente é sobre os estigmas negativos que pardos e pretos atribuem a indivíduos com suas próprias cores. Em relação aos dados da PESB, e conforme o que já foi exposto, esta questão é especialmente relevante em relação aos pardos. No entanto, não deve ser diminuído o fato dos pretos optarem, em maioria proporcional, por brancos como os mais inteligentes.

Em relação à associação do atributo por origem regional, o que se observa é o seguinte:

TABELA 15 – Variações de chances (odds) de associação entre o atributo “mais inteligente” e aparência de nordestino, conforme região de residência do respondente

Atributo	Origem do Repondente	Parece Nordestino
inteligente	Nordeste	-37% **
	Sul / Sudeste	-64% **

* Significativo ao nível de 0,05

** Significativo ao nível de 0,01

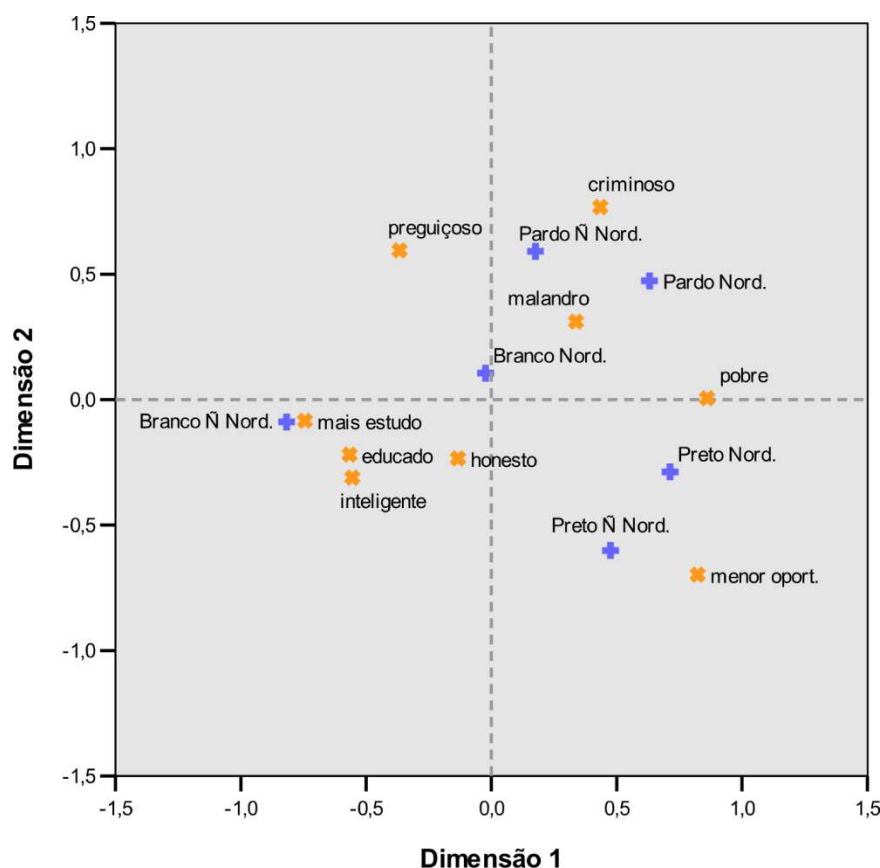
Fonte: PESB 2002 (ALMEIDA, SCHROEDER, CHEIBUB, 2004) [Tabulação especial]

Na comparação regional, mais uma vez a identificação de nordestino se mostra mais relevante para a definição de estigmas no Sul/Sudeste do que no Nordeste. No entanto, é preciso destacar que as variações nas chances são bem expressivas, mesmo entre os residentes no Nordeste. A redução da chance de um nordestino ser escolhido como o indivíduo que parece ser o mais inteligente nas regiões Sul/Sudeste é maior do que a de pardos ou pretos serem identificados por indivíduos brancos. Deste modo, a mesma questão sobre uma auto-identificação negativa em termos grupais tratada em relação aos não-brancos aparece quanto aos nordestinos.

Representação gráfica das categorias estigmatizadas

Outro modo de avaliar como os diversos atributos estão, por meio das respostas, associados aos tipos físicos identificados é por meio de análise de correspondência, tal como foi feito em relação às ocupações. O quadro que se forma é o seguinte:

GRÁFICO 3.2 – Análise de correspondência múltipla entre classificações das fotos por cor e por aparência de nordestino e atributo / condição/ comportamento associados



A representação gráfica resultante da análise de correspondência mostra mais uma vez que a categoria branco não-nordestino é o polo de associação dos atributos que mais antagoniza com as demais categorias de aparência física. Entre os atributos associados, o mais próximo foi o de mais estudo (seguido de mais educado e mais inteligente), o que é coerente com a proximidade das ocupações tratadas que mais exigem investimento em educação: professor de 2º grau e, sobretudo, de advogado. A categoria branco nordestino aparece em uma condição intermediária, sem que nenhum dos atributos considerados no survey se constitua como estigma; ou seja, nem os “positivos”, nem os “negativos”. Pardos e pretos aparecem distantes em relação aos “bons” atributos associados aos brancos não-nordestinos, mas, entre eles, os não-nordestinos aparecem um pouco mais próximos. Entretanto, pretos foram descritos como os que possuem menos oportunidades, enquanto pardos foram associados a comportamento eticamente condenáveis, sobretudo quanto ao estigma de criminoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados aqui apresentados parecem dar fôlego à hipótese de que raça/cor e marcadores de origem geográfica no Brasil possuem, tal como propõem autoras como Hirata e Kergoat, uma relação “consustancial”. De fato, as categorias de cor e origem regional apareceram como determinantes muito significativos nas percepções sobre posição socioeconômica (profissão), atributos mentais, comportamento ético e oportunidades. Nesse sentido, postulamos que estudá-las em conjunto parece abrir novas possibilidades para a discussão sobre os padrões de classificação que vigem e são acionados nas relações sociais cotidianas no país. É o que pretendemos fazer a partir desse exercício.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque Júnior, Durval (2007) Preconceito contra a origem geográfica ou de lugar: as fronteiras da discórdia. Cortez Editora
- Almeida, C. A. (2007). A Cabeça do Brasileiro. Rio de Janeiro, Record.
- Guimarães, A. S. A. (2003). "Como trabalhar com "raça" em sociologia." Educação e Pesquisa **29**, nº 1.
- Kergoat, Danièle. (2010) “Dinâmica e consustancialidade das relações sociais”. Novos Estudos, 86, pp. 93-103
- Petrucelli, J. L. (2007). A Cor denominada: estudos sobre a classificação étnico-racial. Rio de Janeiro, LPP/Uerj.
- Resende, Susi Anny Veloso. (2016) Um Brasil, duas regiões: comparando relações raciais no Nordeste e no Sudeste. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia - IFCS - UFRJ.
- Roth, Wendy. (2012), Race migrations: Latinos and the cultural transformation of race. Stanford, Stanford University Press.
- Sansone, L. (2004). Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil. Salvador/Rio de Janeiro, Edufba/Pallas.
- Zuberi, Tufuku. (2001). Thicker Than Blood: An Essay on how Racial Statistics Lie. Minneapolis, University of Minnesota Press.
- Silva, Nelson do Valle. (1980) O preço da cor: diferenciais raciais na distribuição da renda no Brasil. Pesquisa e Planejamento Econômico, v. 10, n. 1, p. 21-44.
- Hasenbalg, Carlos. (1992) A pesquisa das desigualdades raciais no Brasil. Relações Raciais no Brasil Contemporâneo. v. 18, p.9-16. Rio de Janeiro: Rio Fundo: IUPERJ.